



## SÍNDROMES DE DISPERSÃO EM UMA ÁREA DE FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECIDUAL EM UBERLÂNDIA, MG

Souza Neto, Antonio Rodrigues<sup>1,2</sup>; Lopes, Sérgio de Faria<sup>3</sup>; Dias Neto, Olavo Custódio<sup>3</sup>;

Gusson, André Eduardo<sup>1</sup>; Vale, Vagner Santiago<sup>3</sup>, Schiavini, Ivan<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Biologia. Campus Umuarama, Bloco 2D. Uberlândia, MG. <sup>3</sup>Pós-graduação em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais. UFU.

### INTRODUÇÃO

As florestas estacionais semidecíduais foram drasticamente reduzidas na região do Cerrado, uma vez que sua ocorrência coincide com solos mais férteis e úmidos e, portanto, mais visados pela agropecuária (Eiten 1990), por esse motivo, é importante conhecer melhor a estrutura e o funcionamento dessas comunidades vegetais para averiguar possíveis modificações, resultantes de perturbações causadas principalmente pela ocupação agrícola e efeitos antrópicos (Meirelles *et al.* 2004).

A síndrome de dispersão de propágulos é importante para conhecer o funcionamento destas florestas além de relevante para o futuro manejo de florestas tropicais, pois generalidades sobre mecanismos de dispersão de propágulos podem potencialmente conduzir à manipulação consciente da composição de espécies na recuperação de áreas degradadas (Pinheiro & Ribeiro 2001).

### MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em uma floresta estacional semidecidual, na Fazenda Experimental da Glória (FEG), pertencente à Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. A FEG (18°57' S e 48°12' W) situa-se a 12 km do centro de Uberlândia e possui área de 685 ha. A maior parte da fazenda destina-se a atividades agro-pastoris, tendo uma reserva de floresta com cerca de 30 ha, e sua altitude situa-se a 880 m do nível do mar. (Araújo & Haridasan 1997).

O sistema de amostragem adotado foi o de parcelas de 20 x 20m, totalizando uma área de 1,0 ha. Incluíram-se todos os indivíduos com circunferência na altura do peito (CAP) maior ou igual a 15 cm. Destes, coletaram-se as seguintes informações: identificação da espécie, altura e circunferência a 1,30 m do solo. Os dados utilizados para a análise do

presente trabalho foram extraídos do banco de dados de Souza Neto (2007).

Determinamos as síndromes de dispersão de acordo com a classificação de Pijl (1982), reunidos em três grupos básicos: espécies anemocóricas (vento), zoocóricas (animais) e autocóricas (gravidade ou deiscência explosiva). Foram utilizados como referências os estudos de Lorenzi (1992, 1998), Barroso *et al.* (1999).

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram amostrados 976 indivíduos arbóreos, distribuídos em 88 espécies e 40 famílias, das quais 69,3% das espécies são zoocóricas, 25% anemocóricas e 5,7% autocóricas. Resultados semelhantes foram encontrados em outras áreas, inclusive em matas da região de Uberlândia, como na Estação Ecológica do Panga que apresentou 73% de zoocoria dos 100 indivíduos encontrados (Oliveira *et al.* 2001), o maior índice encontrado dos trabalhos comparativos, 26% anemocoria e 1,0% autocoria. Em outra área no Vale do Rio Araguari, constituída de Mata Ciliar, foram encontrados 67% das 62 espécies zoocóricas, 27% anemocóricas e 6% autocóricas (Aguiar 2006).

Em outras regiões, a distribuição percentual encontrada neste trabalho ficou dentro da amplitude alcançada para estas matas, como relatada por Carvalho *et al.* (2006), onde a zoócoria ficam em torno de 70% de zoocoria em áreas de Floresta Estacional Semidecidual na Mata Atlântica. Já em Mato Grosso do Sul em uma área de Floresta Estacional Semidecidual e Cerrado, o percentual de zoocoria decresceu para 58% (Takahasi & Fina 2004).

Em relação a densidade, 77% dos 976 indivíduos são zoocóricos, 20% anemocóricos e 2% autocóricos, ficando acima da densidade da dispersão zoocórica encontrada no trabalho de Aguiar (2006), que obteve 61%, seguida 35% de anemocoria e 4% de autocoria.

É importante ressaltar neste trabalho que a mata esta com seus níveis de dispersão dentro da amplitude comumente encontrada em várias fitofisionomias, sendo que florestas estacionais semidecíduais estão naturalmente ligadas a mata ciliar formando um corredor ecológico (Fonseca 2001), e geralmente estas matas podem ser utilizado como refúgio para fauna do cerrado em estações secas (Redford & Fonseca 1986).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguiar, E.V. 2006. Estrutura Fitossociológica e Síndrome de Dispersão do Estrato Arbóreo em um trecho de Mata Ciliar no Vale do Rio Araguari, Uberlândia MG. Monografia. Instituto de Biologia da UFU.
- Souza Neto, R.S. 2007. Floresta Estacional Semidecidual da Fazenda Experimental do Glória, Uberlândia-MG. Monografia. Instituto de Biologia UFU.
- Araújo, G.M., Haridasan, M. 1997. Estrutura fitossociológica de duas matas mesófilas semidecíduais, em Uberlândia, Triângulo Mineiro. *Rev. Naturalia*. 22: 115-129.
- Barroso, G. M.; Morim, M. P.; Peixoto, A. L. & Ichaso, C.L.F. 1999. Frutos e Sementes: Morfologia Aplicada à Sistemática de Dinocotiledôneas. Editora UFV. Viçosa MG.
- Carvalho, F.A. Nascimento, M. T. & Braga, J. M. A. 2006. Composição e riqueza florística do componente arbóreo da Floresta Atlântica submontana na região de Imbaú, Município de Silva Jardim, RJ. *Ver. Acta de Botânica* 20(3): 727-740
- Eiten, G. 1990. Vegetações do Cerrado. *In: Cerrado: ocupação e perspectivas*. Pinto, M. N. (org). Editora Universidade de Brasília, Brasília, p.09-75.
- Fonseca, C.E.L.; Ribeiro, J.F.; Souza, C.C.; Resende, R.P.; Balbino, V.K. 2001. Recuperação da vegetação de Matas de galeria: estudos de caso no Distrito Federal e Entorno. *In: Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina-DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, p. 815-867.
- Lorenzi, H. 1992. Árvores brasileiras: manual de plantas arbóreas nativas do Brasil. 1ª ed. Editora plantarum, Nova Odessa-SP.
- Lorenzi, H. 1998. Árvores brasileiras: manual de plantas arbóreas nativas do Brasil. 2ª ed. Editora plantarum, Nova Odessa-SP.
- Meirelles, M.L., Guimarães, A.J.M., Oliveira, R.C. & Araújo, G.M. Ribeiro, J.F. 2004. Impacto sobre o estrato herbáceo de áreas úmidas do Cerrado *In: Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina-DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. p. 41-65.
- Oliveira, P.E. & Paula, F.R. 2001. Fenologia e biologia reprodutiva de plantas de mata de galeria. *In: Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina-DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. p. 335-361.
- Pinheiro, F.; Ribeiro, J.F. 2001. Síndromes de Dispersão em Matas de Galeria do Distrito Federal. *In: Cerrado: caracterização e recuperação de matas de galeria*. Planaltina-DF: Embrapa Cerrados; Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. p. 315-328.
- Pijl, L. Van der. 1982. Principles of dispersal in higher plants. Springer-Verlag. Berlin. Heidelberg. New York, 2ª ad. 1661 p.
- Redford, K.H. & Fonseca, G.A.B. 1996. The role of gallery Forest in the zoogeography of the cerrado's non-volant mammalian fauna. *Biotrópica*. 18: 126-135.
- Takahasi, A & Fina, B.G. 2004. Síndromes de dispersão de sementes de uma área do Morro do Paxixi, Aquidauana, MS, Brasil. *IN: IV Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal Corumbá/MS*.